



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornalista Francesc Relea, para os veículos El Pais, da Espanha, La Republica, da Itália e Le Monde, da França

Palácio do Planalto, 17 de junho de 2004

Jornalista: Eu queria começar perguntando: você chegou ao poder com a esperança de milhões de cidadãos desamparados, não só no Brasil, como também na América Latina. Você acha que satisfaz essa esperança (incompreensível)?

Presidente: Bom, nem tivemos tempo para isso. Eu tenho convicção da expectativa que nós criamos na sociedade brasileira e tenho convicção dos compromissos históricos que eu tenho com a parte mais pobre da população brasileira. Ao mesmo tempo, eu tenho noção da realidade que eu encontrei no país. Eu só posso fazer o meu projeto vigorar plenamente se eu tiver uma economia crescendo e se eu tiver dinheiro para fazer os investimentos necessários. Nós passamos o primeiro ano cuidando de dar uma certa estabilidade na economia para que nós pudéssemos ter mais possibilidades de investimento nos próximos anos. O mandato é de quatro anos, eu, portanto, não trabalhei com nenhuma pressa, nenhuma afobação – (incompreensível) traduza afobação em espanhol.

_____:

Presidente: Eu já vi que não tem tradução.

_____:



Presidente: Então, veja: com muita tranquilidade, com muita tranquilidade porque eu sei que a única chance que eu tenho de cumprir com os compromissos que eu tenho é fazer o Brasil voltar a crescer, ter uma certa estabilidade na economia, para que a gente possa, então, com crescimento econômico, fazer parte da distribuição de renda que nós sonhamos fazer no Brasil, combinado com uma boa política social para aqueles mais pobres ainda.

Então, eu estou tranquilo, que vou cumprir com os compromissos que assumi, mas ainda não conseguimos fazer muita coisa que gostaríamos de fazer. Nós não consertaremos, em quatro anos, os erros de 500 anos do Brasil, eu tenho clareza disso. Mas eu tenho clareza que se nós tivermos uma base bem sólida, os próximos governos que virão terão muito mais tranquilidade para fazer mais e melhor as políticas sociais e as políticas de crescimento da nossa economia.

Jornalista: Qual foi a maior surpresa que você encontrou quando chegou à Presidência? (incompreensível), ou seja, você conhecia a realidade do país muito bem (incompreensível).

Presidente: A maior surpresa que nós encontramos e que eu, particularmente, tive... eu já conhecia muito a realidade brasileira, mas eu não tinha noção do descaso administrativo em que estava o Brasil, ou seja, a máquina pública totalmente desestruturada; setores importantes que precisavam funcionar rapidamente, como Incra, como Advocacia-Geral da União, como Controladoria-Geral da União, como outros Ministérios, que tinham menos gente do que precisava para poder a máquina funcionar perfeitamente bem. Essa foi uma primeira decepção.

A segunda decepção que eu tive, e foi muito forte, foi a situação, efetivamente, econômica do país, porque ela era mais grave do que a gente imaginava. Houve, no Brasil, um acúmulo histórico de dívidas sociais, e tudo



precisa ser quase reconstruído, desde as Forças Armadas até Ministério do Planejamento, empresas de processamento, tudo tem que ser praticamente reconstruído. Por exemplo, nós temos bancos de fomento importantes para o Brasil, como o Banco do Brasil, que tinha desaprendido a fazer empréstimo para os pequenos, para a agricultura familiar. É todo um processo de recuperação do potencial de trabalho de cada pessoa. E a outra coisa foram os esqueletos que nós pegamos. O governo passado deixou muita coisa para que nós pagássemos. Nós começamos tendo que fazer um corte no orçamento de R\$ 14 bilhões, o equivalente a quanto? A quase US\$ 5 bilhões.

Jornalista: US\$ 5 bilhões.

Presidente: Sim, tivemos que começar fazendo.

_____ : É um dinheiro que não havia no orçamento.

Presidente: Segundo, segundo, nós tivemos que assumir compromissos que o outro governo tinha feito e que não tinha dinheiro. Por exemplo, pagar aposentadoria de anistiados. Agora estamos pagando uma conta de 12 bilhões e 400 milhões, de 1994, quando foi implantada a URV no Brasil. E assim... nos deixaram 10 bilhões de restos a pagar.

Então, essa foi a grande surpresa. O restante, eu já tinha noção de como estava. Eu sempre trabalhei com otimismo porque a minha premissa é a seguinte: se o Brasil estivesse bom eu não tinha ganhado as eleições. Eu sempre defendo isso. Eu ganhei as eleições porque o Brasil estava numa situação tão delicada, que o povo entendeu que eu poderia consertar o que os outros não conseguiram.

Então, eu, em vez de ficar reclamando das coisas que eu encontrei, nós decidimos fazer o que precisava ser feito, e eu acho que nós tivemos, até



agora, um relativo sucesso. Não tão rápido como eu gostaria, mas eu acho que, pela primeira vez, nós estamos tendo a oportunidade de ter um crescimento econômico sustentável, uma estabilidade econômica razoável sem inventar nenhum plano econômico. Qual é o nosso plano? Primeiro, seriedade. Segundo, gastar apenas aquilo que a gente pode gastar, ou seja, eu não posso gastar o que eu não tenho, o que eu sei que eu não vou arrecadar. Terceiro, gastar nas coisas que nós consideramos prioritárias. Numa escala de um a dez, você define quais são as três, quatro coisas prioritárias, e ali você gasta. A outra coisa é assumir os contratos que o Brasil tem, é cumprir os contratos porque é isso que nos dá credibilidade para poder dar passos seguintes no ordenamento da nossa política econômica.

Então, eu estou tranquilo. Eu estou tranquilo porque estamos há um ano e meio no governo – completarei, no dia 1º de julho, um ano e meio –, tenho dois anos e meio pela frente, portanto este é o primeiro orçamento com que eu estou trabalhando, o primeiro pressuposto meu. Estou elaborando o segundo pressuposto e a tendência natural é, a cada ano, as coisas melhorarem, e melhorarem muito. Eu acredito nisso, trabalho com essa convicção, daí porque eu estou muito otimista.

Jornalista: E com certeza você... o senhor (incompreensível). Muita gente... algumas pessoas têm a percepção de que a sua política (incompreensível) está sendo mais aplaudida pelos setores financeiros, pelos empresários, que a gente... muita gente que votou para você, a gente que está pior. O senhor concorda com essa percepção?

Presidente: Eu acho que são duas coisas distintas. Uma coisa é a decisão nossa de cumprir com os contratos. Veja, eu, no ano passado, tive que pagar R\$ 140 bilhões de juros. Eu fiz um superávit de quase 25 e só consegui pagar 62, o restante eu tive que rolar. Portanto, o superávit que eu faço não dá para



pagar a quantidade de interesses que eu tenho que pagar todo mês. E por que é que eu tenho que pagar esses interesses e por que eu tenho que ter superávit? Porque a dívida nossa, 70% são com pequenos investidores brasileiros, e se eu não assumir o compromisso de cumprir com o pagamento desses interesses, eu não estarei estimulando os investidores, nem nacionais e nem estrangeiros, a investirem no Brasil. Eu não estarei estimulando sequer esses poupadores internos a pouparem internamente. Então, nós estamos fazendo uma coisa que todo governo tem que fazer: cumprir com os seus compromissos. Ao mesmo tempo, ter uma política ousada para enfrentar os problemas sociais. Fazer esse jogo combinado de ao mesmo tempo você cumprir com os seus contratos, e ao mesmo tempo você ter uma política social mais ousada é o desafio que nós estamos enfrentando, e vamos enfrentar prazerosamente esses desafios.

Jornalista: Você disse (incompreensível) aumentar muito (incompreensível).

Presidente: Não. Nós temos alguns compromissos. Por exemplo, eu tenho o compromisso de até 2006 incluir, no projeto Fome Zero e no Bolsa Família, 11 milhões de famílias. Onze milhões de famílias significa, aproximadamente, atender 44 milhões de pessoas, e isso é plenamente possível de ser feito. Nós, agora, chegaremos... este mês estamos com 4 milhões de famílias, chegaremos a dezembro com 6,5 milhões de famílias. Portanto, ultrapassaremos a metade daquilo que eu me comprometi, de garantir que as pessoas tomem café, almocem e jantem todos os dias. Mas essa política de transferência de renda, ela não é um fim em si mesma, ela é quase uma coisa emergencial. O que nós queremos, na verdade, é criar as condições, que a economia reaja rapidamente e gere os empregos necessários. Este ano já está sendo um ano razoavelmente bom. Qual é a nossa preocupação? Nós não queremos que o Brasil cresça que nem uma sanfona, ou seja, num ano cresce



quatro, noutro ano cai para zero; no outro ano cresce quatro, no outro ano cai para zero. Se tiver que crescer três de forma sustentável, eu prefiro crescer três do que ficar com essas oscilações. Eu estou convencido de que este ano nós vamos crescer bem, poderemos chegar a 4%, e eu acho que estamos preparando a economia para crescer mais no ano que vem, para crescer mais no outro ano que vem, de forma muito sustentável, sem inventar absolutamente nada, apenas utilizando aquilo que eu disse agora há pouco: muita seriedade nas nossas relações. Fizemos os ajustes que tínhamos que fazer em toda a legislação para que a gente possa estabelecer maiores parcerias com a iniciativa privada, para fazer coisas que nós, Estado, não temos condições de fazer. Eu acho que por isso é que estou bem.

Fizemos algumas coisas importantes na área de crédito. Nós... Primeiro, nós liberamos mais dinheiro do que em qualquer outro momento da história do Brasil, para a agricultura familiar. Nós fizemos acordos com os trabalhadores e os banqueiros, para que os trabalhadores possam pegar dinheiro emprestado, (incompreensível) muito menores, com a possibilidade de descontar na sua folha de pagamento.

Tudo isso, tudo isso começa a surtir efeito agora. Fizemos o maior investimento... Só para você ter ideia, o que nós contratamos, de saneamento básico, de 11 de dezembro do ano passado até junho deste ano, é mais do que tudo o que foi contratado de 1995 a 2002.

Jornalista: Contratado com...

Presidente: Contratado com o Estado...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: ...contratado com empresas públicas, contratado com prefeituras.



O que nós contratamos para saneamento básico, de dezembro de 2003 a junho de 2004, é mais do que tudo o que foi contratado de 1995 a 2002. Obviamente que isso vai começar a surtir efeito nos próximos meses. Estamos fazendo uma boa política com as prefeituras, estamos repassando mais recursos para as prefeituras poderem fazer suas políticas, e eu acho que as coisas estão andando. Assumimos um compromisso com os trabalhadores Sem Terra de assentar 480 mil famílias até o final do governo e regularizar os títulos de mais 130 mil famílias. Nós estamos convencidos de que tudo isso são coisas possíveis de serem cumpridas, e vamos cumprir.

Por isso é que eu trabalho com uma certa tranquilidade. Não dá para você tentar trabalhar com otimismo... Eu sempre faço uma comparação prática. Você tem... Como eu já fiquei desempregado algumas vezes, eu comparo a política econômica e a ação do governo com um trabalhador desempregado. Quando você está desempregado há muito tempo, que você começa a trabalhar e recebe o teu primeiro pagamento, a tua família pensa que vai resolver o problema dela no primeiro pagamento, e não vai. Você vai demorar alguns meses recebendo salário para você poder ordenar as tuas dívidas, para depois você começar a cuidar corretamente da família. É o que nós estamos fazendo. Primeiro nós assentamos, criamos um padrão de procedimento, e agora estamos começando a colher os bons resultados.

Jornalista: Mas pode ser que o preço de fazer as coisas com tranquilidade...é perder popularidade?

Presidente: Veja, eu não trabalho com... a minha cabeça não funciona assim, a minha cabeça não funciona por uma questão de popularidade ou não. A minha cabeça funciona com o seguinte: se eu me deitar à noite, no travesseiro, com a consciência tranquila, de que estou fazendo o que é certo, eu estou satisfeito. No Brasil, um dos grandes defeitos do Brasil é que mesmo nos



períodos de 1930 a 1980, quando a economia brasileira cresceu a taxas médias de 7% ao ano, nós não conseguimos pensar o Brasil em 30 anos. Nós só pensávamos o Brasil de eleição para eleição. Se você pensa o país apenas de quatro em quatro anos, você não consegue fazer nenhuma política consistente porque você faz uma política para o seu mandato, você faz uma política para o seu governo, você faz uma política pensando na sua eleição, você não está pensando no povo. Eu prefiro fazer uma política mais consistente, pensando o Brasil para 15 ou 20 anos, para que a gente tenha a base sólida, que qualquer outro governo sério possa tocar para a frente.

Então, se isso exigir sacrifício, eu não tenho nenhum problema, como o sacrifício de fazer a reforma da Previdência Social. Foi um sacrifício, eu tive que debater com os meus amigos sindicalistas. Mas as pessoas têm que entender que de tempos em tempos a reforma na Previdência tem que acontecer em todos os países do mundo, porque as pessoas estão vivendo mais tempo. A longevidade no Brasil está, em média, em 71 anos. Quando a Previdência foi criada era, em média, de 50 e poucos anos, ou seja, as pessoas estão vivendo mais. Então, de vez em quando você tem que fazer um ajuste na Previdência. Obviamente que quem já está na Previdência não quer mudança. Mas eu não estou pensando em quem está na Previdência, eu estou pensando é nos nossos filhos, nos nossos netos, que tipo de Previdência que eles vão ter, e se não ajustarmos agora, eles não terão nenhuma.

Então, eu trabalho com um programa de longo prazo, sabendo que em alguns momentos você tem que fazer sacrifício, e todas as vezes que for necessário eu vou conversar com o povo com a maior seriedade. Da mesma forma que eu conversarei com um filho meu, negando a ele alguma coisa que ele me peça, eu não tenho nenhum problema de dizer para o povo que eu não posso fazer tal coisa naquele momento.

Jornalista: O mesmo está acontecendo com um debate sobre o salário



mínimo. O paradoxo é que você está defendendo (incompreensível) mais impopular (incompreensível).

Presidente: Eu não estou defendendo, esse é o pior.

Jornalista: Ou tem que defender?

Presidente: Veja, eu não defendo. Não se trata de defender ou não. Lamentavelmente, no Brasil nós nunca conseguimos – e desde 1987, na época... desde [19]85, na época da Constituinte, que a gente tentava discutir que era preciso fazer uma separação entre o salário mínimo e a Previdência Social. Por quê? Porque no Brasil nós não discutimos salário mínimo, nós discutimos Previdência Social. Como nós temos quase 20 milhões de brasileiros aposentados, dos quais 16 milhões ganham um salário mínimo, cada R\$ 10 que eu der de aumento no salário mínimo, eu elevo a conta da Previdência a um absurdo, porque a maioria ganha o salário mínimo, na Previdência. Então, nós vivemos um paradoxo. Eu poderia dar um salário mínimo maior para a iniciativa privada, eu poderia dar um salário mínimo maior para o servidor público, mas sempre as pessoas acham que o salário mínimo tem que estar vinculado à Previdência, e quando você vai discutir a Previdência, você tem um rombo de R\$ 31 bilhões na Previdência, você tem um déficit na Previdência de 31 bilhões. Por isso que nós fizemos a reforma, e esse déficit vai ser corrigido ao longo do tempo, não vai ser corrigido em um ano. Então, eu não posso ser irresponsável de anunciar um salário mínimo que depois a Previdência não possa pagar.

Quem está no governo age como se fosse um pai de família. Quando você é noivo, você promete o céu para a sua noiva, mas quando você se casa, você se depara com uma realidade: você não é nem o super homem que você prometeu que ia ser, nem você vai dar todas as coisas que você pensava dar,



porque você tem limites na tua vida. Quando você está no governo... eu não trabalho com a vontade, não é a minha vontade que prevalece, é a minha condição financeira que prevalece. Eu não posso pensar na minha popularidade e tomar uma atitude que amanhã, em vez de 30 bilhões de déficit, eu tenha 60 bilhões de déficit. Aí fica incorrigível.

Ao mesmo tempo, nós tivemos uma política muito agressiva na área social. O governo passado dava Bolsa Escola, Bolsa Família, em média R\$ 22 para cada família. Nós estamos dando R\$ 75,00 em média, ou seja, três vezes mais. Então, se eu tivesse que dar R\$ 10,00 para o salário mínimo e aumentar um pouquinho mais para esses que não têm nem salário mínimo, eu aumentaria para esses que não têm salário mínimo.

Então é isso, é assim... É por isso que eu não estou defendendo... Nós fizemos todos os estudos, chegamos à conclusão que nós íamos dar o reajuste inflacionário e... um pouquinho a mais... Se você pegar o estudo, você vai perceber o seguinte: a média salarial este ano foi R\$ 40 a mais do que a média dos governos passados. Por quê? Porque nós pegamos o governo com uma inflação de 17%, baixamos para 5,5%. Então, isso deu um ganho médio para o trabalhador do salário mínimo. Eu vou lhe dizer uma coisa, o salário mínimo de 260 é baixo, de 270 é baixo, de 300 é baixo, de 400 é baixo. É muito baixo o salário mínimo no Brasil. O desafio que nós temos não é discutir 10%. O desafio que nós temos é encontrar uma fórmula de ter uma política de salário mínimo capaz de permitir que as pessoas vivam tal como está na Constituição, e não é tarefa do presidente da República nem tarefa do Congresso. É tarefa de todo o povo brasileiro. Eu vou lhe dar um dado aqui... e eu acho normal, também, porque a oposição... nós estamos em época de eleitoral no Brasil, então é normal que as pessoas que nunca fizeram nada pelo salário mínimo agora queiram fazer. Eu acho bom, porque se eles forem falando demais, chega um dia não pode voltar atrás, e quem sabe, um dia, eles aumentem de verdade o salário mínimo. Mas eu vou lhe dar um dado aqui – está aqui a



média do salário mínimo comparado, em dólar, dos anos 90: em [19]90 era US\$ 67, a média anual; em [19]91, US\$ 71; em [19]92, US\$ 59; em [19]93, US\$ 66; em [19]94, US\$ 69. Quando o dólar... quando houve o Plano Real, que US\$ 1 passou a valer R\$ 1; R\$ 1 passou a valer US\$ 1, aí houve um aumento: foi US\$ 107, US\$ 108, US\$ 109. Quando em [19]99, o Fernando Henrique Cardoso teve que fazer o reajuste cambial, já caiu para US\$ 72, não é? De todos esses anos, com exceção do período do dólar 1 por 1, o meu é o mais alto. Você pegando de [19]90 até agora, você pegando de 14 anos, você pegando o governo Collor, o governo Itamar, oito anos de Fernando Henrique Cardoso e um ano meu. Tirando os três anos em que o Real foi supervalorizado e quase quebra o Brasil, nós temos o maior padrão médio do salário mínimo.

Portanto, eu acho que eu não...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: ...não acho ruim que a oposição faça o seu discurso e defenda. Eu estou vendo gente lá que está no Parlamento há 80 anos e nunca votou por um salário mínimo bom. Mas se acham que nesse momento é bom fazer um discurso na perspectiva de me desgastar, para mim não tem nenhum problema. Faz parte do jogo político, do jogo democrático, e eu aceito com tranquilidade. Agora, eu não vou mentir para a sociedade brasileira e nem vou fazer aquilo que eu sei que eu não posso fazer.

Jornalista: E quando, no interno de seu partido, o Partido dos Trabalhadores, afloram... aumentam as críticas, surpreende um pouco que a reação final é a expulsão (incompreensível).



Presidente: Quando você resolve participar de uma entidade, de um partido político, você tem que se comprometer com as regras daquele partido. Aquele partido tem estatuto, aquele partido tem código de ética, aquele partido tem instância deliberativa, ele tem direção executiva, tem diretório nacional, tem congresso e tem bancada. A democracia não significa o poder da minoria prevalecer sobre os interesses da maioria; a democracia significa que, toda vez que você garante o debate democrático de todos os setores e você leva à votação, todos têm que acatar a decisão do resultado. Isso é democracia.

O que acontece é que você tem fechamento de questão na bancada federal, você tem fechamento de questão dentro do Senado, você teve um fechamento de questão na Executiva nacional. Ora, se uma pessoa não concorda com tudo isso, essa pessoa, no mínimo, tem que deixar o partido porque essa pessoa não quer se submeter a nenhuma decisão da instância do partido. Então, essa pessoa poderia ser candidato avulso. Um candidato avulso não tem que pedir...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Não, não. O candidato avulso é o cidadão que não pertence a nenhuma organização, não tem compromisso com nenhuma organização, é sozinho. Aí, todos os dias ele se levanta, de manhã, bota a gravata, vai ao espelho e delibera com o espelho o que ele vai fazer. Quando chegar na época da eleição, então ele vai pedir voto para o que ele acredita. Por quê? No Brasil, para alguém ser eleito... eu vou lhe dar um dado que é interessante. Eu não sei como é o sistema na Espanha. Mas no Brasil, para as pessoas serem eleitas, tem uma espécie de (incompreensível)...

Jornalista: (incompreensível)



Presidente: ...que é o seguinte: duzentos e... Num estado como São Paulo, para alguém ser eleito hoje, tem que ter no mínimo 300 mil votos, você tem que ter 300 mil votos. Acontece que ninguém consegue isso, porque as pessoas votam na legenda do partido. Então, é o somatório da legenda do partido que, dividido entre os candidatos, elege. Então tem pessoa com 50 mil votos que foi eleito. Então, ele deve 250 mil votos para o partido, ele só teve 50, 250 são do partido. Então ele não pode se arvorar no direito de dizer “eu sou dono das minhas decisões”, porque o voto é do partido. Aliás, eu falo muito à vontade porque eu fui o único candidato a deputado que conquistou três coeficientes. Eu, sozinho, tive 653 mil votos. Então, eu, sozinho, elegi um monte de deputados. Isso não é para escrever, não. Isso é só aqui em *off*. Eu só estou querendo dizer o seguinte: nenhum deputado pode dizer “eu sou dono do meu voto”, porque ele não se elegeu sozinho, ele deve o voto ao partido, ele deve o voto àqueles que perderam.

Então é isso que é democracia. A democracia não é a pessoa ficar pensando no seu grupinho de apoio, no seu gabinete, na sua rua, ouvir lá meia dúzia de sindicalistas e falar: “Bom, os sindicalistas com quem eu tenho relação não querem que eu vote, eu não vou votar”. Tem que pensar no conjunto do país.

Então, o partido, o partido, o PT age com muita seriedade. Não tem partido no mundo, nem na Espanha, mais democrático do que o PT. Aliás, nós somos acusados...

Jornalista: Não em pessoa.

Presidente: ...nós somos acusados por excesso de democracia.

_____ : (incompreensível) o Tancredo, quando só tinha oito deputados do PT...



Presidente: Nós somos acusados, aqui, por excesso de democracia. O PT é muito democrático. Mas chega uma hora em que se um membro do partido não quer mais acatar nenhuma decisão do partido, é saudável que essa pessoa saia do partido, não é? Senão você não constrói um partido. Então, nós debatemos muito, discutimos muito, fazemos todas as reuniões que entendemos que precisam ser feitas, mas as pessoas têm que acatar, porque isso é que garante o funcionamento democrático de um partido.

Jornalista: As eleições do próximo mês de outubro vão... você acha que vão ser (incompreensível) um primeiro teste para você, para o seu governo?

(falha no áudio)

Presidente: ...comercial no mundo é porque nós precisamos aproveitar o potencial com outros países, porque senão fica todo mundo dependente da União Europeia e dos Estados Unidos. Mas o mundo é muito maior, então nós temos que procurar outros espaços. É isso que nós estamos fazendo, sem querer liderar nada. O que nós queremos é dizer: olha, dá para fazer alguma coisa. Eu vou dar um exemplo: eu não tenho o texto, mas nós aprovamos, em [19]80, em Praga, uma lei de comércio em que os países em desenvolvimento poderiam ter uma política diferenciada das relações comerciais,...

Jornalista: Entre si.

Presidente: ...entre si. Isso nunca foi colocado em prática.

Jornalista: (incompreensível)



Presidente: Por quê? Porque as pessoas têm medo de brigar com a União Europeia, têm medo de brigar com os Estados Unidos. Eu não quero brigar com a União Europeia, não quero brigar com os Estados Unidos. Quero manter uma relação de paz e amor com os Estados Unidos e com a União Europeia. Mas eu quero defender para mim o que eles defendem para eles. Eu quero ter para mim o que os espanhóis conquistaram, o que os alemães têm, o que a França tem, o que os Estados Unidos têm. Eu não posso me conformar em ser pobre. Eu quero brigar para sair desse miserê em que nós nos encontramos. Por isso é que nós temos que ter ousadia na política internacional.

_____ : Presidente, queria pedir para ele uma última pergunta porque o nosso tempo está encerrado. Por favor, uma última pergunta.

Jornalista: Uma última? Que difícil!

_____ : É que o nosso tempo já está esgotado.

Jornalista: Só duas.

_____ : Bem rápido, bem rápido. Vou pedir para o Presidente também ser breve.

Jornalista: Como era e como vê você a consolidação democrática na América Latina? O fato de que cada vez tem mais governos que não terminam o seu mandato? Aconteceu na Argentina (incompreensível), Argentina e com Bolívia. Isso se deve à democracia não estar consolidada?

Presidente: Não, eu acho que a democracia está se consolidando rapidamente na América Latina. Você precisa compreender que, vinte anos atrás, nós



tínhamos aqui na América Latina vários países em que muita gente imaginava que a única saída era a revolução, a luta armada. Hoje esses grupos todos estão disputando eleições democráticas. Acho que houve um avanço em todos os países: no Brasil, na Argentina, no Uruguai, no Paraguai, na Bolívia. Há um avanço na democracia, há um avanço substancial. Eu posso te assegurar que a América Latina nunca esteve, e sobretudo a parte da América do Sul, com a democracia tão crescente como nós estamos agora, com o povo elegendo governantes progressistas, elegendo governantes com mais compromissos sociais. Por isso que eu quero dizer para você que eu estou certo de que a América do Sul vai viver um grande período de democratização e fortalecimento da sua democracia.

Jornalista: Quais foram os acontecimentos mais amargos desses meses que você é Presidente? Foi o caso de corrupção de Waldomiro Diniz, Presidente?

Presidente: Não, não. Veja, corrupção, toda vez que você resolve combater a corrupção, você causa a impressão de ter muita corrupção. O que está acontecendo no meu governo é que nós estamos apurando corrupção. O que aconteceu com o Waldomiro pode acontecer com qualquer governo do mundo. Você pode ter um assessor... o Willy Brandt tinha uma secretária que o traía com a RDA e nem por isso ele perdeu credibilidade.

O que nós achamos é o seguinte: o que nós estamos é sem instrumentos de punição, e nós estamos certos de que é preciso uma política de inteligência para que a gente combata a corrupção no Brasil e vamos combatê-la sem trégua, vamos combatê-la sem trégua. Se você quiser que eu diga para você qual foi o momento mais amargo para mim, foi o dia em que eu constatei, aqui nesta mesa, que eu não tinha como dar mais R\$ 260,00 de salário mínimo. Foi o dia mais amargo da minha vida, por quê? Porque nós fizemos três reuniões aqui, nesta mesa, com o Ministro da Economia, com o



Ministro da Previdência, com o Ministro do Trabalho, com o Ministro do Planejamento, com o Ministro-Chefe da Casa Civil para ver, quase que fazendo uma operação padrão, para ver quais as possibilidades que nós tínhamos de encontrar para dar um pouco a mais e não tinha, não tinha.

Eu constituí, naquele dia, uma comissão para que a gente, então, comece a pensar, para o próximo ano, uma reestruturação da política de salário mínimo no Brasil, porque isso é histórico no Brasil: todo ano é essa mesma discussão de salário mínimo, todo ano o salário mínimo continua muito baixo. Só pelo fato dele ser o mínimo, ele já é baixo e, no Brasil, ele é mais baixo ainda.

Então, eu fiquei muito triste, da mesma forma que eu fico quando agora... quando chegava em uma época de fim de ano, um filho meu pedia um presente e eu não podia dar. É muito duro você ter que dizer para um filho: olha, eu não posso te dar um presente. Eu senti isso com os meus filhos, que são o povo brasileiro, que eu não podia dar mais do que eu queria, do que eu tinha para dar. Por mais que eu quisesse, eu não tinha como dar mais.

Jornalista: Com o Zapatero, vai melhorar a relação com a Espanha?

Presidente: Veja, eu acho que a relação com o Aznar foi excepcional.

Jornalista: Na química não.

Presidente: Não. Foi excepcional, veja. Eu estou falando da relação de Estado para Estado; não estou falando de relação pessoal. Eu penso que nós temos uma relação histórica com o Psoe, tem uma afinidade ideológica, portanto, a possibilidade de nós aprofundarmos o nosso trabalho é muito maior, é muito maior. Mas, de qualquer forma, eu quero reconhecer que o presidente Aznar nos tratou com muita dignidade, com muita decência.



Jornalista: Muito obrigado, Presidente.

Presidente: Obrigado a você.

(\$31DHJMQ)